

O IMPACTO DA LEITURA DE TEXTOS DE AUTORIA FEMININA NA VIDA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: PRIMEIRAS REFLEXÕES.

Luane Tamires dos Santos Martins²

Resumo: O presente texto fará uma exposição dos primeiros passos, focando principalmente na revisão bibliográfica inicial, do projeto de doutoramento intitulado “Os impactos da leitura de autoria feminina na vida de estudantes do ensino médio” submetido ao Programa de Crítica Cultural para o início no ano vigente. Assim, o objetivo principal desse texto é apresentar as primeiras leituras de revisão literária que fundamentarão a pesquisa. Nesse sentido, a priori, discutiremos o conceito de literatura por meio de Compagnon (1999) e Todorov (2010); o de leitura com as abordagens de Annie Rouxel (2012) e o de escrita de autoria feminina por Silva (2011) e Telles (2008). Desta forma, esperamos apresentar os principais pontos que nortearão a tese em construção e, por meio da revisão bibliográfica, iniciar as discussões e reflexões a respeito da escrita de autoria feminina em nosso país e se/como esses textos chegam (ou não) aos jovens estudantes de ensino médio.

Palavras-chave: Literatura. Leitura. Escrita. Ensino Médio.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientadora: Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira. Endereço eletrônico: luanetamiresmartins@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa em questão surgiu após uma intensa caminhada acadêmica pelos estudos de gênero e pelas pesquisas em torno dos textos de autoria feminina. Enquanto aprofundava-me nas pesquisas e teorias, refletia sobre a sala de aula e minha abordagem pedagógica considerando os novos aprendizados adquiridos ao longo da carreira acadêmica.

Em 2009, ao ingressar no curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia (UNEB-CAMPUS II/Alagoinhas), deparei-me com os estudos feministas na perspectiva de gênero. Nesse ínterim, participei de dois projetos de iniciação científica relacionados à literatura e aos estudos feministas, ambos sob a orientação da professora doutora Jailma dos Santos Pedreira Moreira. O primeiro, objetivava investigar o lugar das pesquisas de gênero no Campus II/Alagoinhas, tomando por base os conceitos de literatura, gênero, feminismo e estudos culturais, onde pude constatar que houve um aumento significativo dessas pesquisas no campus, impulsionando a abertura do campo literário quando correlacionado pela perspectiva de gênero aos Estudos Culturais e suas interfaces (raça, identidade, economia etc.).

Já o segundo projeto deu origem ao texto monográfico de conclusão de curso em 2012. Neste, o objetivo era identificar quais bibliotecas escolares (municipais e estaduais) do município de Alagoinhas possuíam livros de autoria feminina e quais políticas públicas existiam voltadas para tais espaços, principalmente no tocante a produção/circulação/leitura de obras desta vertente. Assim, pudemos constatar que há um número relativamente pequeno desses exemplares, quando comparado ao montante de volumes de autores presentes em tais espaços. Além disso, dos escritos feitos por mulheres, destacavam-se em

quantidade os de literatura infantil e quase não encontramos os de escritoras negras nos acervos.

Diante de tais estudos, refleti sobre meu processo escolar e minha formação enquanto leitora e constatei que no meu repertório pessoal de leitura havia poucas autoras e quase nenhuma negra, o que me fez ir em busca de leituras de autoria feminina. Para tanto, considerei alguns livros escritos por mulheres que tive a oportunidade de ler, a exemplo da Rachel de Queiroz e Conceição Evaristo, em especial as obras Memorial de Maria Moura e Insubmissas Lágrimas de Mulher. Essas duas narrativas chamaram-me a atenção, uma vez que estava fora do que me habituei a ler, tratava-se de autoras que escreviam sobre as mulheres. Não era mais uma visão de um autor, estava diante de mim a oportunidade de ler como uma mulher retrata a si mesma ou a outras.

Impactada por tais reflexões, motivei-me a investigar a vida da escritora Rachel de Queiroz, mais especificamente sobre o seu perfil de escritora, visto que a mesma foi a primeira mulher a compor a Academia Brasileira de Letras, um espaço outrora criado por e para homens. Pesquisa realizada ao adentrar o Mestrado de Crítica Cultural em 2014 (Pós- Crítica/ UNEB/Campus II), concluindo que a autora valeu-se, principalmente, de uma linguagem objetiva, muitas vezes considerada como “seca”, vistos por alguns como escritos feitos por um homem devido ao rigor linguístico.

Concluído o Mestrado, debruçei-me exclusivamente sobre estudos para concurso, distanciando-me parcialmente da vida acadêmica, alcançando meu objetivo em 2018 e ingressando como professora efetiva na rede estadual de ensino no município de Itapicuru/Ba no ano de 2019. Apesar deste afastamento temporário, continuei estudando sobre a escrita de autoria feminina e buscando conhecer novas escritoras, principalmente as autoras negras, deparando-me com obras de Chimamanda Ngozi

Adchie, Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo, entre outras, valendo-me desse processo de autodescoberta para mobilizar uma prática docente dentro da perspectiva antirracista.

Ao propor aos estudantes dos anos finais do ensino médio do Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães da cidade de Itapicuru/Ba, no ano de 2019, a leitura do livro “Insubmissas lágrimas de mulheres”, de Conceição Evaristo, encontrei-me com discursos do tipo “eu nem sabia que tinha mulher negra escrevendo”; “Nossa! A forma como ela traz a mulher me fez chorar, me lembra de muita coisa da minha família”, entre outros relatos. Assim, ao longo das aulas, além das escritoras negras, sempre busquei trazer para o espaço algum texto de autoria feminina, desde escritoras canônicas, como Clarice Lispector, a escritoras pouco conhecidas no ambiente escolar, como por exemplo, a Maria Firmina dos Reis, percebendo através dos relatos e das autoavaliações realizadas ao final das atividades propostas, que a maioria dos discentes, até o momento, pareciam desconhecer a escrita de autoria feminina.

Desta forma, ao levar para sala de aula textos de escritoras e, principalmente, de autoras negras era comum perceber o “estranhamento” dos estudantes a princípio e, depois de um processo de discussão e análise, a identificação desses sujeitos com os textos. Os corpos discentes, em processo de formação escolar básica, percebiam-se nas cenas literárias fazendo um paralelo com suas vidas e seus conhecimentos.

Diante da inquietação dos estudantes frente ao texto literário de autoria feminina, surgiu o seguinte questionamento que norteia esta pesquisa: estudantes da rede estadual do ensino médio leem literatura de autoria feminina? Esse questionamento ainda incita algumas problemáticas, como por exemplo: quais autoras nacionais estes jovens conhecem/leram? Quais estratégias de leitura esses jovens utilizam ou foram

apresentados? Como esses textos impactam na subjetividade e na construção das identidades destes sujeitos?

Além desses questionamentos, é preciso ressaltar que o projeto ainda está passando por algumas modificações, inclusive quanto ao *locus*. Outrora seria desenvolvido na Escola Estadual Uirassu de Assis Batista, no município de Itapicuru/Ba. Porém, considerando a mudança de residência da pesquisadora que aqui vos fala, o projeto deverá ter como *locus* a escola Estadual de Tempo Integral Professora Maria do Carmo de Santana, no município de Aramari/Ba, onde estou atualmente lotada como professora efetiva da área de Linguagens. Entretanto, compreendemos que a alteração do espaço não diminuirá a importância da pesquisa, pois refletir sobre a presença da literatura de autoria feminina na vida de jovens estudantes do ensino médio, nos impulsiona a questionar o próprio conceito de literatura, sua presença no espaço escolar e sua abertura (ou não) para textos de mulheres.

LITERATURA: PENSANDO O CONCEITO

O conceito de Literatura há muito tempo vem sendo discutido por diversos críticos literários, tendo em comum o discurso a respeito do quão complexo é a sua definição. Seguindo a abordagem clássica do conceito de Literatura, em *O demônio da teoria: literatura e senso comum* o autor Antonie Compagnon (1999) apresenta sete conceitos que permeiam os estudos da obra literária, a saber: a literatura, o autor, o mundo, o leitor, o estilo, a história e o valor. Dentre os tais, considerando o que venha a ser literatura, ressalta a complexidade em definir o termo “literatura” ao longo dos tempos, desde a compreensão clássica, aos sentidos amplos e restritos do termo. Compagnon afirma que, em um sentido amplo, literatura é compreendida como aquilo que é impresso, e num sentido restrito a literatura seria tudo que os

escritores escrevem. Fazendo isso, o autor introduz uma discussão sobre a concepção de cânone e afirma que ao identificarmos a literatura como aquilo que os grandes escritores escrevem, estamos negando todo aparato literário existente que foge desta concepção. Sendo assim, afirmar que um texto é literatura é consequentemente dizer que outro texto não é. Esse modo de conceber a literatura restringe a mesma, à literatura culta, aos clássicos, aos cânones e não a literatura popular.

Compagnon incita-nos como leitores a refletir sobre a própria construção da teoria literária e a possibilidade de estrearmos um “entrelugar da verdade” da literatura, em que seja possível alinhar os aspectos fundamentados e defendidos pela teoria literária ao senso comum, que fora desprezado pela mesma durante muito tempo. Para o autor, “a perplexidade” seria a única substância moral da literatura.

Neste sentido, o autor Tzvetan Todorov (2010), em seu texto *A literatura em perigo*, apresenta-nos uma crítica sobre o ensino de literatura no ensino médio, considerando que ele fora reduzido ao ensino formalista, devido à existência desta didática no ensino superior. Ou seja, se os professores aprenderam assim, tendenciosamente eles passam a ensinar desta forma. Doravante, o autor reforça sua tese de que existe uma concepção clássica que afirma que a literatura não mantém relação com o universo exterior, demonstrando que apesar disto, a teoria clássica da poesia seria uma exceção, pois ela permaneceria afirmando esta relação entre seu objeto e o mundo exterior. Ressalta um breve histórico das mutações da teoria literária frente aos séculos, considerando que é nos movimentos do século XX (chamados “de vanguardas”) que se insurge uma revolução da concepção artística.

Todorov (2010) ainda destaca o poder que a literatura tem de nos conectar com nós mesmos e com os outros. De nos

expandir através das diversas personagens, ao mesmo tempo em que nos percebemos nelas e por elas. Partindo de uma concepção abrangente do que é literatura, ressalta a necessidade desta literatura ser considerada como estudo do próprio ser humano, rejeitando assim, as postulações clássicas e limitantes de sua conceitualização.

Esses dois teóricos literários nos instigam a pensar a literatura enquanto um sistema social que é capaz de influenciar a vida dos sujeitos leitores. Mesmo em seu conceito clássico, aquele que nos diz que a literatura é o que os grandes autores/teóricos validam, nos leva a pensar sobre a importância das obras enquanto fontes de poder, de subjetivação e, por que não dizer, de reprodução ideológica. Assim, entende-se que o texto literário é um importante mecanismo de poder cultural. Sua leitura implica a leitura do mundo a sua volta e sob a sua ótica.

O ATO DE LER E A DE AUTORIA FEMININA

Diante destas reflexões nos é lícito afirmar que a literatura de autoria feminina foi, por tempos, excluída do que os estudiosos consideravam como cânone literário, assim como da própria historiografia literária, como afirma Ana Rita Santiago da Silva (2011). Esta nos levava a acreditar que mulheres não escreviam, basta observarmos os livros didáticos e contabilizarmos as escritoras e os escritores, que perceberemos a discrepância entre ambos.

Desta forma, adentrar o espaço do cânone tem sido luta constante de nossas escritoras. Segundo Maria Inês de Moraes Marreco (2010) a década de 1850 é considerada como marco oficial da maturidade literária no que cerne as produções masculinas, abrindo espaço, porém, para algumas produções de autoras. Entretanto, “como as publicações estavam sob o controle de editores homens, as mulheres tinham que batalhar

para serem aceitas enquanto escritoras, e também acatar os padrões estéticos estabelecidos.” (MARRECO, 2010, p. 236).

As escritoras que ousavam publicar, muitas vezes, valiam-se de estratégias como: o uso de pseudônimos (por vezes masculinos), alianças com outros escritores ou até mesmo a assimilação dos estilos de alguns autores da época. Assim, nota-se que adentrar esse espaço foi sempre um ato de resistência e luta.

Neste íterim, Zilda de Oliveira Freitas (2002) diz que desde os tempos mais remotos os traços diferenciais entre mulheres e homens existem e ao contrário do que se pode pensar, tais contornos não se atenuaram no decorrer das gerações. Ao discutir sobre a escrita feminina, a autora afirma que os primeiros sinais da libertação deu-se apenas no começo do nosso século, através do refúgio no imaginário, na fantasia insubmissa, procurando a descrição precisa do seu papel no mundo e sua reinvenção.

Segundo Freitas, mais que uma literatura de desabafo, a literatura feminina é um registro escrito do inconformismo da mulher àquelas leis. Ela passa a buscar a diferença como identidade (a desconstrução do supracitado modelo masculino na prática de sua escrita), assume de fato a sua inexperiência e imperfeição, encontrando conseqüentemente o seu jeito singular de escrever. Conforme a mesma autora, pode-se afirmar que durante séculos a mulher é desconhecida para si e uma estrangeira na sociedade de valores masculinos. A escrita feminina é justamente este livre expressar-se do universo feminino, lado a lado com o masculino, sem imitá-lo, mas também sem desconhecê-lo.

Nesta perspectiva, ressalta-se novamente como a construção do ser escritora literária tem sido uma luta constante frente ao cânone literário, principalmente as autoras negras. Para Ana Rita Santiago da Silva (2011) a literatura escrita por mulheres

negras esteve ausente do cânone literário desde os primórdios da historiografia literária brasileira:

(...) há de se reconhecer que a tradição literária, marcada por uma escrita sobre o (a) negro (a), como Escrava Isaura, em que narrativas e poesias são forjadas a partir de temas como escravidão e culturas negras, retratados, muitas vezes, por meios de estigmas, preconceitos e de olhares etnocêntricos que pouco colaboram para a vivência da alteridade ao menos pela linguagem literária. (SILVA, 2011, p.281).

Assim, pouco se conhecia sobre os escritos de mulheres negras e, conforme Santiago, ainda há uma diminuta ciência sobre esta produção literária no Brasil, marcada pelo silenciamento e apagamento. E quando a figura feminina era representada nas malhas do texto literário, destacava-se pela condição de objeto de desejo e apreciação masculina. Já as personagens negras representadas, assumiam performances relacionadas ao trabalho doméstico, erotização do corpo e a exacerbação libidinosa com o objetivo de seduzir os homens.

Segundo a autora, apesar dos avanços conquistados, ainda é notória a ausência considerável de produções literárias de mulheres negras. Porém, no que se conhece dos textos destas escritoras, atualmente, pode-se perceber uma escrita literária diferenciada, que visa romper com o silenciamento imposto às mulheres. Isto tem sido realizado através de uma narrativa textual marcada por jogos de resistência, pelo protagonismo feminino e pelo enfrentamento de representações depreciativas da identidade negra, tornando-se, neste sentido, uma textualidade que se pretende transgressora e revolucionária.

Deste modo, analisar se jovens adolescentes leem textos de autoria feminina é também refletir sobre quais textos tem chegado a estes sujeitos, de quais escritoras, se canônicas ou não, se brancas ou pretas e como esses textos colaboram para a

construção da identidade do sujeito leitor em formação, considerando seus contextos e subjetividades.

Annie Rouxel (2012), por sua vez, afirma que o ensino de literatura nos anos finais das escolas deixa de lado a subjetividade do sujeito leitor, uma vez que “(...) o aluno do ensino médio dispunha apenas de uma margem estreita para exprimir sua interpretação ou seu julgamento pessoal” (2012, p. 274). Além disso, a autora ressalta algumas estratégias de leitura que nos auxiliam a refletir sobre o discente do ensino médio e seu processo leitor, por exemplo, a leitura cursiva e a leitura analítica. Enquanto esta, apesar de necessária no ambiente escolar, engessa a subjetividade do jovem leitor uma vez que o direciona para interpretação detalhada do texto e não o possibilita inferências pessoais; àquela permite ao discente atribuir outros sentidos ao texto através do processo de identificação e reflexão, tornando-se uma leitura mais “livre” para o sujeito leitor.

Segundo Rouxel (2012) ambas as práticas de leituras (entre outras) são percebidas nos espaços escolares, prevalecendo quase sempre a prática analítica do texto. Vale lembrar que quando a literatura é ofertada em espaço escolar está estritamente associada a divulgação e validação do cânone literário. Com base nestas discussões, pode-se afirmar que o ensino de literatura na escola foi por anos reduzido aos aspectos formais do texto ou a história da literatura, desprezando tanto o papel do sujeito leitor quanto do próprio texto e de seus sentidos. Além do mais, o estudo de textos literários nas unidades educacionais relaciona-se aos clássicos literários, lugar onde os textos de autoria feminina raramente se destacam.

O autor Roberto Reis, no texto *Cânon* (1992), nos oferece um aprofundamento consistente em torno do que venha a ser um cânone literário. Ele atrela a construção da ideia de cânone literário às questões culturais e, conseqüentemente, às relações

políticas, ou seja, de poder, subjacentes a tais questões. Segundo Roberto Reis (1992, p. 72):

Historicamente, a literatura (...) tem sido um eficaz veículo de transmissão de cultura. A literatura tem sido uma das grandes instituições de reforço de fronteiras culturais e barreiras sociais, estabelecendo privilégios e recalques no interior da sociedade. Ao olharmos para as obras canônicas da literatura ocidental perceberemos de imediato a exclusão de diversos grupos sociais, étnicos e sexuais do cânon literário.

Não precisamos fazer muitos esforços para perceber essa exclusão no que cerne a produção literária feminina, basta reflexivamente nos perguntarmos quantas autoras são consideradas canônicas e quantos autores estudamos durante o nosso ensino médio. Reis (1992) ainda nos alerta que ao lermos e questionarmos um texto literário- considerado canônico- não se pode deixar de refletir sobre as circunstâncias históricas em que o mesmo foi criado e que provavelmente frente a essas condições os indivíduos dotados de poder atribuíram ao tal texto o valor de “literário” em relação a outros, tornando-o um cânone.

Segundo o autor supracitado a canonização literária é dotada de interesses ideológicos de dominação, poder e exclusão. Ele salienta a importância do leitor e da leitura que o mesmo faz de tais textos, podendo ressignificá-los, ou não, e ressalta que “nenhum discurso é inocente”, ou seja, todo texto, seja ele literário ou não, canônico ou não, é carregado de implicações políticas e ideológicas, e essas implicações dizem respeito tanto a postura de quem escreve quanto de quem lê os tais textos. Até por que:

O que é belo, é belo pra quem? O que é artístico, é artístico para quem? O que é poético, ou literário, é assim para quem? E quando? E onde? E com que bases ou princípios? A quem interessa que assim sejam aceitos (ou rejeitados)? Em que contexto? (WANDERLEY, 1999, p.261).

Seguindo essa mesma linha de discussão proposta por Roberto Reis (1992), o texto *Por que ler os clássicos*, do autor Ítalo Calvino (1994), nos apresenta questionamentos em torno do que é ou não clássico. O termo “clássico”, na perspectiva de Calvino, é sinônimo de cânone, sendo assim, a discussão se dá em torno do que é ou não cânone literário. O autor ressalta algumas definições a respeito do termo “clássico literário”, dentre as quais: a ideia de que “clássico” são os livros que ninguém vai dizer “eu estou lendo, e sim, eu estou relendo”; que “clássico” é uma obra que sempre tem algo mais a dizer; e que, em outras palavras, um “clássico” é sempre atemporal. Para Calvino o leitor pode eleger o “seu” clássico e este mesmo leitor não deve desprezar as leituras dos livros considerados “não clássicos”, no entanto deve alternar a leitura entre os livros que são e os que não são considerados clássicos. Ítalo Calvino afirma em sua conclusão que a leitura dos clássicos é importante para entendermos quem somos e aonde chegamos e que é melhor lê-los do que não lê-los.

Diante disso, refletir sobre a presença/ausência de textos de autoria feminina na vida de jovens estudantes de ensino médio, é colocar em questão o sistema educacional vigente e sua capacidade de atuação e reprodução ideológica, uma vez que diversos textos de autoria feminina vêm sendo excluído do famigerado lugar da historiografia literária.

Cabe a nós perguntarmos se esses jovens possuem acesso à literatura, como essa literatura tem chegado ou não a eles e que literatura é essa, como ela é lida, se é lida, entre outras indagações pertinentes. Será que os estudantes de ensino médio estão lendo escritos de mulheres? A quais estratégias de leitura estão sendo submetidos? Que significação emitem dos textos que lhes são apresentados? São muitas questões ainda em processo de construção e reflexão.

Com base no exposto, pode-se perceber a importância do sujeito leitor para ressignificação do texto literário. E, sendo assim, no que diz respeito estritamente à escrita de autoria feminina, precisamos ressaltar o caráter ideológico de empoderamento do sujeito através da escrita, e dessa forma, considerarmos também as dificuldades impostas às mulheres no que se refere ao ato de escrever. A escrita de autoria feminina corresponde a uma literatura que tensiona os lugares fixados das identidades, das determinações culturais que nos foram impostas e que habitualmente tendemos a considerar como “naturais”, assim, o ato de ler esses textos possuem uma implicação política-cultural na construção das identidades e subjetividades do sujeito leitor.

Destarte, estudar a leitura juvenil de escritas de autoria feminina, seus impactos na vida dos sujeitos discentes, além de considerar os sentidos que estes jovens estudantes de ensino médio elucidam sobre estes textos, faz-nos refletir sobre a cultura dominante que silencia e inferioriza as produções artísticas de mulheres. Para além disso, refletir sobre a construção do próprio cânone literário num processo cultural patriarcal e excludente, nos auxilia a pensar no papel da própria escola enquanto máquina social de formação de sujeitos críticos, pensantes e pulsantes numa sociedade que aliena e subalterniza os seres.

REFERÊNCIAS

- CALVINO, Ítalo. *Por Que Ler os Clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 2. ed. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- FREITAS, Zilda de Oliveira. *A literatura de autoria feminina*. In: FERREIRA, Sílvia Lúcia. NASCIMENTO, Enilda Rosendo (orgs). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/ UFBA, 2002.

MARRECO, Maria Inês de Moraes. Investigando a história das mulheres. In: DUARTE, Constância Lima. DUARTE, Eduardo de Assis. ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Org.). *Falas do outro: literatura, gênero e etnicidade*. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010.

RAMALHO, Cristina. *As faces líricas da escritora brasileira*. In: ZONLIN, Lúcia Osama. GOMES, Carlos Magno. (Org.). *Deslocamentos da escritora brasileira*. Maringá: Eduem, 2011.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIN, José Luís. (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

ROUXEL, Annie. *Ousar ler a partir de si: desafio epistemológico, ético e didático da leitura subjetiva*. Tradução Rosiane Xypas. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Porto Alegre, v. 20, n.35, 2018, p. 10-25.

ROUXEL, Annie. *Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?* Tradução Neide Luzia de Rezende e Gabriela Rodella de Oliveira. *Caderno de Pesquisa*. v. 42, n.145, 2012, p. 272-283.

SILVA, Ana Rita Santiago da. *Gênero e literatura na educação básica*. In: SANTOS, Cosme Batista. GARCIA, Paulo Cezar Souza. SEIDEL, Roberto Henrique. (Orgs). *Crítica cultural e educação básica: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.